



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática

Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 54-69, jan./jul. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO¹

Carla Roberta Zanin

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

A pesquisa analisou com os professores da sala de reforço as práticas que utilizam, como avaliam o avanço e quaisos materiais utilizados para que os alunos superem suas dificuldades na alfabetização. Em abordagem qualitativa, foi aplicado a cinco professoras questionários. Os resultados obtidos é que as professoras priorizam as atividades específicas de alfabetização, mencionando aspectos materiais, pedagógico e de espaços; as explicações sobre a não alfabetização dos alunos por displicência dos mesmos ou dos pais; os professores são ecléticos misturam diferentes metodologias para alfabetizar e letrar estes alunos.

Palavras-chave: Sala de Reforço. Alfabetização. Letramento. Metodologia.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “Alfabetização e Letramento na sala de reforço: Trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados” teve por objetivo, realizar uma pesquisa com os professores no município de SINOP-MT, que trabalham em escolas na sala de reforço e analisar as práticas pedagógicas que os professores alfabetizadores utilizam para que seus alunos aprendam a ler e escrever, avaliar o avanço da aprendizagem dos alunos em relação a leitura e a escrita e averiguar os materiais

¹Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados**, sob a orientação da professora Ma. Ivone Jesus Alexandre, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2016/2.

didáticos utilizados para que os mesmos superem suas dificuldades na alfabetização.

O conhecimento escolar é abordado como uma construção baseada na correlação feita entre diferentes tipos de conhecimentos e saberes do cotidiano, que os alunos e professores trazem de suas vivências familiares, sociais, conceitos científicos e culturais. A sala de reforço escolar faz parte da proposta político-educacional da Instituição investigada, que visa combater o fracasso escolar, tendo por finalidade oportunizar a construção de um aprendizado significativo, para aqueles alunos que tenham dificuldades de aprendizagem. O enfoque das práticas pedagógicas realizadas na sala de reforço é a alfabetização e o letramento. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, o que permitiu obter dados quantitativos e qualitativos.

Toda pesquisa gera dados quantitativos e qualitativos, mas o uso desses depende, de como o pesquisador quer explicitá-lo em suas análises. Segundo Trivinos (1987, p.133) a “pesquisa qualitativa permite conhecer a essência do fenômeno, as suas conexões internas, o que o faz surgir naquele determinado contexto local, sendo produzido por tais sujeitos sociais, além de possibilitar conhecer sua interdependência com outros fenômenos”. A técnica utilizada para gerar dados foi o questionário, que nos permitiu esta relação pesquisador/pesquisados. A pesquisa foi realizada com professores que trabalham na sala de reforço de cinco escolas. Os autores que nos deram suporte e embasamento teórico na pesquisa foi: Ferreiro e Teberosky (1985), Mortatti (2000), entre outros.

Assim a pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro apresenta a história da alfabetização no Brasil, os desafios e a superação das relações de opressão e dominação, dos limites e os impedimentos de uma sociedade de profunda desigualdade social, econômica e cultural.

No capítulo dois é a abordagem metodológica que permiti coletar os dados, através de questionários obteve-se as respostas de acordo com os objetivos da pesquisa. Os autores que subsidiaram a metodologia do trabalho foram Trivinos (1987), entre outros. E no terceiro e último capítulo será exposta a análise dos dados obtidos na pesquisa empírica.

2 HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

No atual estágio da sociedade os homens são desafiados a superar as relações de opressão e dominação, tanto materialmente quanto espiritualmente.

No campo da Educação há a necessidade de estabelecer alternativas a essas relações que se impõem na prática humana. Por isso, humanizar consiste na prática de superação dos limites e os impedimentos de uma sociedade de profunda desigualdade social, econômica e cultural. E para essa superação precisamos pensar e praticar uma concepção de educação para a liberdade. O professor necessita compreender em qual concepção teórica a sua prática se baseia, e que sujeito deseja formar. Se o professor não compreender a educação na perspectiva da luta de classes, enquanto possibilidade de liberdade, ele alfabetiza seus alunos para reproduzirem discursos, para se tornarem apáticos mediante as situações que exijam um posicionamento político-ideológico. As ferramentas da leitura e da escrita são os meios que construímos para nos apropriarmos da realidade objetiva, para ensinar aos outros a nossa cultura, para produzimos e repassarmos o conhecimento.

Esse processo de construção e mediação realizada pelo professor, entre o aluno e o objeto cognoscente, inicia-se pela aquisição de conhecimentos. No processo de alfabetização nem sempre o aluno consegue construir o letramento, ou seja, significar e tornar significativa o saber que produz e que aprende. Existem diversas causas que podem levar a isso, entre elas está o método que o professor ou professora utiliza para alfabetizar. É importante conhecermos o processo histórico da alfabetização, como o primeiro princípio básico deste trabalho. A história da alfabetização alia-se no fato dos altos índices de analfabetismo e no fracasso escolar nas séries iniciais do processo de alfabetização.

Segundo Mortatti, (2006), na década de 1890 com a criação e institucionalização do ensino público brasileiro, nasce a necessidade de se estabelecer de que forma ensinar a ler e a escrever. Mas os métodos utilizando em nosso país inicialmente restringiram-se ao uso de cartilha. Por mais que houvesse escolas públicas, isso não significava conhecimento ou produção de conhecimento científico pelos seus frequentadores da época.

A universalização da escola teve como finalidade, servir de instrumento e marco da modernidade e progresso do Estado-nação. Segundo Mortatti (2006, p. 01) desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com ‘antigas’ e ‘novas’ explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública. Visando a enfrentar esse problema e auxiliar ‘os novos’ a adentrarem no mundo público da cultura letrada, essas disputas em torno dos métodos de alfabetização vêm engendrando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando-se como um importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição da alfabetização, como prática escolar e como objeto de estudo/pesquisa. De acordo com a autora Mortatti (2006, p. 02):

A leitura e a escrita — que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) — tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados.

A alfabetização até no final do século XIX era vista como ensino das habilidades de codificar e decodificar e era limitada a poucos. A autora Mortatti (2006) para explicar como o processo da alfabetização ocorreu no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, ele o define em quatro períodos. O primeiro ela denomina de “metodização do ensino da leitura”, o qual aconteceu de 1876 a 1890. Nesse período alfabetizava-se utilizando o método de marcha sintética, o que implicava no ensino da palavra utilizando a “parte para o todo”, para realizar assim a soletração.

O professor nessa perspectiva ensinava aos seus alunos o nome da letra (o seu fonema), e posteriormente tenta juntar esses fonemas para ensinar as sílabas. Após o aluno decorar isso, era lido o ensino palavra e frases. Assim se inicia o processo da leitura nesse período e a escrita era referente ao cuidado com a ortografia. O professor escrevia e seus alunos copiavam, assim também quando eles faziam os ditados e formações frasais que enfatiza-se a o silabário. Um cuidado constante por parte do professor era se o aluno estava desenhando a letra

corretamente (MORTATTI, 2006). No final da década de 1890 começa o segundo período descrito pela autora Mortatti em relação ao processo histórico dos métodos de alfabetização em nosso país. Nesse período ocorre uma disputa entre os defensores do método sintético, ou seja, da soletração, silabação, escrita mecânica, e os defensores do método “João de Deus”. Esse método enfoca ensinar primeiro a leitura da palavra, somente depois decompô-la de acordo com os seus fonemas, para entender como se escreve as sílabas e as letras.

No terceiro período que se refere a 1890-1910, o método que vigorou foi o analítico. De acordo com este método o professor deve ensinar o aluno a ler a partir do todo para as partes, mas ao decorrer dos defensores dessa concepção metodológica de alfabetização o todo poderia ser a palavra, a frase ou a historieta (texto curto com nexos lógicos entre suas frases). “É também ao longo desse momento, já no final da década de 1910, que o termo alfabetização’ começa a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita” (MORTATTI, 2006, p. 8).

O terceiro período é intitulado pela autora como a “Alfabetização sob medida”, que se vigora do ano de 1920 ao ano de 1970. A partir desse ponto da história dos métodos de alfabetização, o imperativo não é mais o uso de um único método, mais de mesclar os que já existiam. Por exemplo: o professor poderia usar o método analítico-sintético. O que importava nessa época era alfabetizar de forma rápida e eficiente. Mas mesmo com essa mescla de métodos, o processo educacional permanece com a sua função de reprodução, de instrumentalização dos sujeitos com conhecimentos básicos da leitura e da escrita, sem que isso lhes proporcione aprender e utilizar esse conhecimento, para se compreender como sujeito construtor da sua historicidade de vida e da própria história.

Mortatti (2006) afirma que no final da década de 1980 quando ocorrem diversas transformações políticas, econômicas, sociais e educacionais, problematiza-se sobre a função da escola, a trajetória da alfabetização no nosso país e o fracasso escolar. E a partir disto configura-se o quarto período que se refere ao processo histórico da alfabetização no sistema educacional brasileiro. O quarto período recebe a nomenclatura de “desmetodização do ensino”.

[...] introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita

desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança(sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. Assim, a partir de 1980 inicia-se o quarto momento, caracterizado como “alfabetização: construtivismo e desmetodização”. (MORTATTI, 2006, p. 10).

No século XX o foco passa a ser no sujeito que aprende e não mais no método de ensino. Surge então a psicogênese de Emília Ferreiro que prioriza o sujeito cognitivo e, através de práticas de alfabetização articulada aos textos, surge o letramento, que permitia ao sujeito ser letrado, ser cidadão de fato.

Essa nova perspectiva compreende que o processo de alfabetização não ocorre somente na escola, este é um processo que ocorre gradativamente desde que a criança passa a ler o mundo, tudo que a rodeia, enfim é uma maneira de se comunicar. E a partir daí, já se inicia o processo de aquisição do sistema linguístico. Segundo Mortatti (2006, p.3), os processos de aprender a leitura e a escrita nas crianças em fase de alfabetização se apresentam como uma passagem para um “mundo novo - para o Estado e para o cidadão -: o mundo público da cultura letrada, que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história e com o próprio Estado [...]”. Nesse novo mundo acontecem novos modos de sentir, de pensar, de querer e de agir.

2.1 PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberoski

Na década de 1980, aconteceu um ressurgimento sobre os métodos de alfabetização, e como este contribuíam para que as crianças se apropriassem da escrita e da leitura, de forma que estes dois instrumentos cognoscentes tornassem-se meios para construir uma capacidade crítica e reflexiva sobre o mundo. Essa mudança estava ligada a publicação de uma pesquisa feita por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a mesma intitulava-se a “Psicogênese da língua escrita”, de origem argentina em 1974 iniciaram uma pesquisa partindo do pressuposto que a aquisição do conhecimento. Segundo Ferreiro, a criança precisa para avançar em suas

hipóteses responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

A autora defende que nesse momento costuma aparecer uma hipótese conceitual onde a criança atribui a cada letra escrita uma sílaba, a hipótese silábica gera conflitos cognitivos, a partir das informações que recebe do mundo, como com as hipóteses de quantidade e variedade mínima de caracteres construída pela criança. As fases de desenvolvimento da escrita elaboradas por Emília Ferreiro e Teberosk são: nível pré-silábico, nível silábico e nível alfabético. Essas fases se configuram da seguinte forma, nível pré-silábico é o nível em que a criança ainda não consegue identificar o valor sonoro da escrita e muita vez acaba misturando desenhos com a escrita. Neste nível a criança está insegura, não compreende o papel da escrita e confunde a escrita com desenhos. No nível silábico a criança começa a perceber a relação entre escrita e o valor sonoro, ela está começando a juntar representação gráfica das letras com a fala.

Mas ela ainda tem dificuldade com palavras de poucas letras, pois, para a criança é necessário que cada palavra tenha um número mínimo de letras. No nível alfabético a criança já tem a compreensão da escrita, mas ainda não domina as regras ortográficas, a evolução pode ser mediada pelo professor observando a necessidade de cada aluno. A alfabetização é um processo com várias etapas que acontecerá no decorrer dos anos iniciais do ensino fundamental.

2.2 LETRAMENTO E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização ocorre nos três anos primeiros de escolarização, acontece gradativamente e não existe um ou outro método de se alfabetizar, cada aluno é de uma forma diferente, cada um tem seu tempo e seu momento para que isso aconteça, cabe ao professor trabalhar de maneira que possibilite ao aluno alcançar uma alfabetização de qualidade. Neste aspecto, os alunos devem sair da escola com o domínio para além das habilidades de escrever os códigos linguísticos denominadas de “codificação” e “decodificação”, eles devem ser capazes de compreender o que se escreve e o que se lê. Morais e Albuquerque (2004; 2005) afirmam que o sistema de notação alfabética constitui em si um domínio cognitivo, um objeto de conhecimento com propriedades que o aluno precisa reconstruir

mentalmente, para poder vir a usar, com independência, o conhecimento de relações da letra-som, esse conhecimento permitirá que ele seja cada vez mais letrado.

[...] estudos e pesquisas disponíveis (MOURA, 2001; SANTOS, 2004; OLIVEIRA, 2004; ALBUQUERQUE, FERREIRA, MORAIS, 2005) e a experiência dos que freqüentam, enquanto professores de estágio ou investigadores, as nossas salas de aulas das séries iniciais, permitem afirmar com clareza: o que se faz, na maioria das turmas de alfabetização, tanto nas que atendem a crianças como a jovens e adultos, está muito longe do que apregoam os PCN e seus autores. Tendemos a encontrar, ainda, um amplo emprego de métodos tradicionais (sobretudo o silábico), “casado” com práticas de leitura e produção de textos que, de fato, não eram realizadas na escola há algumas décadas, mas que assumem ainda um claro formato “escolar”. (MORAIS, 2006, p. 3).

Os alfabetizadores passaram a ter uma prática genérica, sem oportunizar a criança a pensar e refletir através de atividades que permitissem refletir sobre a escrita, de modo a fazer ajustes grafema e fonema em sons consonantais ou mesmo aprimorar as hipóteses de escritas, ou seja, os professores alfabetizadores, segundo autores, deixaram de ensinar as especificidades da alfabetização.

2.3 SALA DE REFORÇO UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

As mudanças na organização dos processos de progressão, e acabar com a reprovação nos primeiros anos eliminaram a repetência das crianças dos anos iniciais, contudo a quantidade de alunos retidos nas etapas finais da escolarização aumentou. Para incluir aqueles que estavam sendo expulsos da escola na busca de garantir a aprendizagem básica daqueles que não conseguiam o sucesso escolar, porque sequer se alfabetizavam durante um, dois ou três anos letivo. Os alunos que não conseguem se alfabetizar na idade certa ou mesmo não apresentam dificuldades em aprender alguns conteúdos e conceitos em salas regulares são encaminhados para a sala de apoio também denominada por algumas instituições educacionais de sala de reforço.

Salas de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns [...]. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento.

Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que freqüentam a classe comum. [...]. (BRASIL, 2001, p. 50).

A partir dessa definição, pensamos essas salas com professores especializados, com materiais didáticos e tecnologias disponíveis, com conhecimentos teóricos e metodológicos que garantam a aprendizagens específicas para as dificuldades dos alunos, em nosso caso, alfabetização e letramento.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

Esse trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas que os professores alfabetizadores, que atuam na sala de reforço, utilizam para que seus alunos aprendam ler e escrever. Esse trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas que os professores alfabetizadores, que atuam na sala de reforço, utilizam para que seus alunos aprendam ler e escrever. Tivemos também como objetivo a verificação de como os professores atuam na sala de reforço, avaliam o avanço da aprendizagem dos alunos em relação a leitura e escrita, averiguar os materiais didáticos que são utilizados na sala de reforço para que os alunos superem suas dificuldades na alfabetização e verificar a concepção teórica dos professores em relação ao processo de alfabetização e letramento. Toda pesquisa de cunho científico necessita ser orientada por uma teoria que lhe forneça seus pressupostos metodológicos, instrumentos de coleta de dados e meios para interpretar as informações coletadas. Portanto a pesquisa realizada teve abordagem qualitativa, a qual possibilita coletar dados referentes a essência do fenômeno investigado, para que possa se dizer exatamente que ele é, qual é a sua formação material, quais são os resultados no contexto investigado. A pesquisa qualitativa surge em resposta as pesquisas que necessitavam não apenas quantificar os dados coletados, mas compreende-los em sua totalidade.

Nossas práticas em pesquisa qualitativa nos têm ensinado que, em geral, o processo da entrevista semi-estruturada dá melhores resultados se trabalha com diferentes grupos de pessoas (professores, alunos, orientadores educacionais, diretores, sobre as perspectivas da Orientação educacional nas escolas), quando se

realizam, primeiro, entrevistas individuais com pessoas dos diferentes setores envolvidos; logo se avança com grupos representativos de sujeitos de cada setor e, finalmente, numa entrevista semi-estruturada coletiva, formada por sujeitos dos diferentes grupos (professores, alunos, orientadores educacionais e diretores).

No decorrer da pesquisa construímos primeiramente o referencial teórico, que permitisse saber sobre o fenômeno a ser apreendido, o processo de alfabetização que ocorre na sala de reforço. A pesquisa bibliográfica permitiu compreender os conceitos de alfabetização, letramento, método analítico, método sintético, psicogênese da língua escrita. A partir da problematização decidimos quais seriam os instrumentos de coleta de dados mais pertinente para coletar os dados. Segundo Trivinos (1987, p. 129).

A pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética, parte também da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as conseqüências que terão para a vida humana.

A coleta de dados foi através de questionários entregues a cinco professores dos alunos da sala de reforço. Esse instrumento de pesquisa foi escolhido, por possibilitar aos sujeitos da pesquisa terem mais tempo para elaborarem suas respostas, de acordo com suas possibilidades de disponibilidade de tempo e conhecimento teórico-prático sobre o assunto. Depois da coleta dos dados retomamos autores para dialogar com os mesmos para assim realizar a conclusão do TCC.

4 O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS NA SALA DE REFORÇO

Neste capítulo propomos analisar as práticas de alfabetização realizadas pelos professores que atuam nas salas de reforço em escolas públicas localizada na cidade de Sinop. Buscando revelar que métodos de alfabetização utilizam e quais materiais didáticos. As professoras supostamente já conhecem alguns métodos de alfabetização e já tenham construído um referencial teórico-prático sobre este tema.

Apesar de ter se escolhido o instrumento do questionário, para coletar os dados, tendo como expectativa que se as professoras tivessem mais tempo para elaborar suas respostas, contribuiriam de forma mais pontual para essa pesquisa. Contudo ao se analisar as respostas das onze perguntas feitas, os que se tornaram mais pertinentes para esse trabalho, estão relacionadas aos saberes técnicos da profissão docente. Toda profissão traz um conjunto de saberes técnicos, inclusive aquelas que lidam com a formação humana, como Pedagogia, Sociologia, Filosofia e outras. Mas é importante saber o porquê se faz, para que é por que, pois, isso denota não só a autonomia pessoal, enquanto cidadão como também profissional, enquanto professor. Vejamos o que dizem as professoras sobre essa competência técnica:

(01) Professora 4: Procuo cativar os alunos, mostrar a importância da leitura. Trabalhar com materiais lúdicos, ler para eles, incentivá-los sempre e não reforço os pontos negativos.

(02) Professora 5: Professor da sala de reforço à aprendizagem, trabalha em conjunto com o professor regente diagnosticar o nível de aprendizagem dos educandos, para se fazer a intervenção pedagógica necessária para a superação necessária.

A organização espacial e didática metodológica é fundamental para o trabalho com alunos com dificuldades em se alfabetizar. A preparação do espaço é muito importante neste processo, pois tem que provocar e aguçar o interesse dos alunos que frequentam a sala de reforço, um ambiente desafiador que o instigue o gosto pela leitura e escrita. Segundo Libâneo (2002, p. 5):

O professor, na sala de aula, utiliza-se dos conteúdos da matéria para ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades de observar a realidade, perceber as propriedades e características do objeto de estudo, estabelecer relações entre um conhecimento e outro, adquirir métodos de raciocínio, capacidade de pensar por si próprios, fazer comparações entre fatos e acontecimentos, formar conceitos para lidar com eles no dia-a-dia de modo que sejam instrumentos mentais para aplicá-los em situações da vida prática.

O espaço e a organização da sala são de suma importância para os alunos a serem alfabetizados, pois segundo Libâneo deve ser um ambiente desafiador, que aguça o interesse dos mesmos pela leitura e escrita criando possibilidades para que a aprendizagem aconteça. Em relação a dificuldades de alfabetização dos alunos que frequentam o reforço são vários argumentos para a não alfabetização dos alunos. A falta de “prontidão” da criança para o processo de alfabetização era um dos argumentos, a escola diagnosticava alunos vindos, na maioria de classes populares, como “imaturos”. Sobre o método ou métodos de ensino para alfabetizar vejamos o que falam as professoras:

(03) Professora 1: Na minha visão não existe método/teoria específico, o que se deve trabalhar é a dificuldade que o aluno apresenta, diversificando metodologia que resultem em resultados satisfatórios para ampliar o conhecimento dos alunos.

(04) Professora 2: A linha teórica mais utilizada é a de Paulo Freire e Emília Ferreiro, não desprezando os teóricos Piaget, Wallon e Vygotsky; que o desenvolvimento são liminares, mas flexível durante o processo na aquisição dos desenvolvimentos.

Observamos uma confusão na fala da Professora 02 que se refere a termos “liminares” “aquisição dos desenvolvimentos”, enfim, não tem bem definido uma linha teórica que embasa seu trabalho docente. A preocupação do currículo imposto a escola pública para os anos iniciais, visa fazer do conhecimento degraus a serem percorridos, sem saber exatamente para onde se está indo. O conhecimento tem um contexto histórico, ele não está desconexo da realidade produzida por nós sujeitos sociais.

Todas as professoras perante o sistema educacional têm cumprido a sua função dentro da escola, até porque algumas delas estão na área da Educação a mais de vinte anos. E assim como existe o controle sobre o conteúdo e currículo trabalho na escola por parte do sistema, também há mecanismos para controlar e monitorar a atividade profissional das docentes em questão. Neste sentido, há um equívoco por parte das professoras sobre os métodos de ensino utilizado sem suas aulas veja as concepções das professoras e suas definições.

(05) Professora 4: A teoria é trabalhar com o auxílio de livros didáticos, quadro negro e jogos.

(06) Professora 5: Procura-se trabalhar o método eclético, de acordo com a necessidade individual de cada aluno, partindo da realidade de cada momento para novos desafios.

A especificidade da alfabetização defendida pela autora como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico que permitem as crianças distinguirem formas, nomes, tipos de letras; pedaços (sílabas), fragmentos de palavras e de textos; contudo, não são práticas isoladas e não está desvinculada das práticas de letramento. É importante que os professores que atuam na sala de reforço, utilizem materiais diferenciados para possibilitar aos seus alunos compreenderem o sistema notacional bem como avançarem em suas hipóteses alfabéticas. Nem todos os alunos que vão para a sala de reforço necessariamente têm alguma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem. Eles podem estar apenas fora do ritmo que a escola impõe e estabelece como “natural” que ela aprenda aqueles conteúdos de acordo com cada ano de estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa constatamos que os métodos percebidos como eclético permeiam algumas salas de reforço são voltados para práticas homogêneas, desconsiderando as dificuldades individuais de cada aluno, realidade que se repete nas salas regulares. Pelas respostas de nossas depoentes notamos que a predominância de atividades que favorecem o letramento em detrimento do ensino da especificidade da alfabetização, e são práticas que são concomitantes para que a criança tenha sucesso na apropriação da leitura e escrita.

As professoras têm equívocos teóricos em relação a percepção e conceitos de alfabetização, que pode ser causada por não ter tido acesso a esse conhecimento sistemático em sua formação inicial e pouca participação ou mesmo pouca oferta de cursos envolvendo essa temática na formação continuada o que

demonstra a necessidade de políticas públicas que atendam essa demanda. Desta maneira pudemos compreender o método que utilizam em suas aulas de reforço escolar, os materiais que utilizam para promover a aprendizagem da língua escritas, como correlacionam teoria e prática, como põe esse conhecimento em pratica com os seus alunos.

Constantemente necessitamos repensar a nossa prática social e pedagógica enquanto professores, é um exercício difícil, porém fundamental para aprendermos, para percebemos aquilo que é naturalizado em nós e que conseguinte ajudamos a 'naturalizar' nos sujeitos que formamos. Na área da Educação sempre haverá uma constante busca, para criar ou aperfeiçoamos o modo como aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo.

LITERACY AND TEACHING IN THE REINFORCEMENT ROOM

ABSTRACT²

In a group with the teachers from the reinforcement room, this research analyzed their practices, including evaluations of the progress and which materials they use in order to make students overcome their difficulties in alphabetization. In a qualitative approach, five teachers answered questionnaires. The results obtained demonstrate that teachers prioritize specific activities for alphabetization, mentioning material, pedagogical and aspace aspects; non-alphabetization of students occurs because of their or their prents' negligence; and teachers are eclectic, mixing different methodologies in order to promote the alphabetization and literacy between these students.

Keywords: Reinforcement room. Alphabetization. Literacy. Methodology.

REFERÊNCIAS

² Resumo traduzido por Vinicius Dallagnol Reis, Graduado em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, Professor de Cursinho na PPE.

GALVAO, Andréa; LEAL, Telma F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). In: MORAIS, Arthur G. de; ALBUQUERQUE, Eliana B. C e; LEAL, Telma F (Org.) **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIBÂNEO, Jose Carlos, **DIDÁTICA**: Velhos e novos temas. Edição do Autor, 2009. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1qyLHz39GR3dlanyHU9YeJ3vu2zX_y86OOblK_hwKsP4/edit>. Acesso em: 21 dez. 2016.

MORTATTI, Maria R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Conferência proferida durante o Seminário **Alfabetização e letramento em debate**, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27 abr. 2006.

PROFESSORA 01. **Professora 01**: depoimento [12 Dez. 2017]. Pesquisadora: Carla Roberta Zanin. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO**: Trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados, Câmpusde Sinop-MT.

PROFESSORA 02. **Professora 02**: depoimento [12 Dez. 2017]. Pesquisadora: Carla Roberta Zanin. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO**: Trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados, Câmpusde Sinop-MT.

PROFESSORA 04. **Professora 04**: depoimento [12 Dez. 2017]. Pesquisadora: Carla Roberta Zanin. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO**: Trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados, Câmpus de Sinop-MT.

PROFESSORA 05. **Professora 05**: depoimento [12 Dez. 2017]. Pesquisadora: Carla Roberta Zanin. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA SALA DE REFORÇO**: Trabalho pedagógico com alunos não alfabetizados, Câmpusde Sinop-MT.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. São Paulo: Pátio, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas S.A, 1987.

Correspondência:

Carla Roberta Zanin. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: carlazanin29@hotmail.com

Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática
Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 54-69, jan./jul. 2017

Recebido em: 16 de maio de 2017.

Aprovado em: 21 de junho de 2017.